



A NAÇÃO

ANNO II --- NUM. 284

Director: Leonidas de Rezende
Secretario: Adalberto Coelho
Gerente: Januario Pigliasco

Redacção e Administração:
17, RUA 13 DE MAIO, 1.º and.
End. Tel.: NAÇÃO - RIO
Telephones: Director: C. 2159 - Redacção: C. 2160
Gerência: 2198

4.a-feira
19
JANEIRO
1927

Na medida de nos-
sas forças, isto é,
das forças do pro-
letariado, conscien-
te e organizado, com-
çaremos a passar da
revolução democra-
tica para a revolu-
ção socialista. NÓS
SOMOS PELA REVO-
LUÇÃO ININTERMITTA.
Lenine

Washington que reflicta

Ou transige com os revo-
lucionarios, ou serve
à nossa causa

A palavra do governo... É uma pilheria. De nada vale. Em 1925, dizia Bernardes: a revolução está extinta; os revolucionarios tiveram de passar para o estrangeiro... Elle o dizia, nestes termos pe-
remptorios:

"Batido esse ultimo redu-
cto (Catandubas), tiveram os
sediciosos de evacuar a foz
do Iguesu, sendo, assim,
expulsos do territorio da Pa-
tria, que mostraram não amar
a que desmoralizaram tanto, e
tanto sacrificaram."

Depois, eil-os que penetram
em Matto Grosso, eil-os que
atravessam Goyaz, eil-os que
rumam para o norte.

Vem a mensagem deste
ano, e já annunciava essa vol-
ta do exterior.

"O grupo sedicioso, affirma-
va ella, que passou do sul ao
norte do país, pilhando e de-
predando, achava-se, neste mo-
mento, nas margens do São
Francisco, consideravelmente
reduzido no seu numero, pe-
las desergões, perdas, prisões
e extraviados."

La ser, portanto, vencido, es-
trangulado.

No entanto, que aconte-
ceu?

Eil-o que invadia e reinva-
dia o Maranhão, o Piauí, o
Rio Grande do Norte, Ceará,
Pernambuco, Bahia e Minas.

Eil-o que voltava a Goyaz.
Eil-o que lutava contra 20.000
a 25.000 legalistas. Eil-o que
a estes infringia as mais ver-
gonhosas e humilhantes derro-
tas.

A historia se repeta.

Tambem em 1894, informa-
va Prudente de Moraes, ao
Congresso:

"Pode-se, pois, considerar
vencida a revolta, visto resta-
rem, apenas, pequenos grupos,
dispersos e fugitivos, que fa-
cilmente podem ser batidos."

E, em 1895, tinha de con-
fessar ao mesmo Congresso
que se havia enganado nessa
previsão. Elle assim, leal-
mente, o confessava:

"Quanto aos successos do
Rio Grande do Sul, conheci-
mos sua importancia e gravidade."
A mensagem, lida por occa-
são da ultima sessão legisla-
tiva do Congresso Nacional, a
7 de maio do anno passado, re-
feriu os graves acontecimen-
tos motivados por essa revo-
lução e pela revolta de 6 de se-
tembre de 1893, e concluiu a
exposição nestes termos:

"Pode-se, pois, considerar
vencida a revolta, visto resta-
rem, apenas, alguns grupos,
dispersos e fugitivos, que fa-
cilmente podem ser batidos."

Esta previsão, infelizmente,
não se realizou; a luta, inicia-
da em fevereiro de 1893, no
Rio Grande do Sul, ainda per-
durou, causando aquelle Esta-
do os graves danos inheren-
tes à guerra civil e influyendo,
de modo sensivelmente preju-
dicial, sobre toda a Republi-
ca, notavelmente sobre a sua
vida financeira.

E sabido como terminou
essa luta.

A 23 de agosto de 1895, os
revolucionarios, confiando na
declaração do governo federal,
de que fariam effectivas em seu
favor as garantias constitu-
cioneiras, desde que voltassem ao
regimen legal, depuzeram as
armas, reconhecendo as in-
stituições adoptadas e os po-
deres constituídos pela Na-
ção.

Nesse sentido, foi assignada
uma acção pelos generaes Gal-

Disciplina militar é não ter opinião? E' não ter vergonha?

Não: respondem homens da maior autoridade
na sociedade burgueza

O ministro da guerra vinha pondo em li-
berdade alguns dos officiaes implicados nos
acontecimentos revolucionarios de 1922 e de
1924 para cá.

Aos mesmos, perguntava se estavam dis-
postos "a cumprir as ordens das autoridades
constituídas". Se lhes respondiam que sim,
elle os mandava em paz; se oppunham qual-
quer restricção aquella promessa, elle os fazia
recolher de novo ás suas prisões.

Quando o sitio foi suspenso, elle, não mais
podendo conservá-los nessas prisões, dester-
rou-os para o Rio Grande do Sul, onde foi con-
servado o mesmo sitio.

Um delles, não se conformando com essa
violencia, com esse abuso, recorreu ao Supre-
mo Tribunal Federal: impetrou-lhe o remedio
do "habeas-corpus". E para que este não lhe
fosse concedido, a secretaria do palacio do Ca-
tete se apressava em fornecer aquelle tribunal
informações em que dizia que o official em

questão, "chamado á presença do ministro da
Guerra, declarou que, não podendo se bater
contra os revoltosos, e estando resolvido a
manter-se nessa attitud, estava inhibido de
cumprir as ordens que, por ventura, lhe vies-
sem a ser dadas para tomar parte nas opera-
ções militares ao lado das tropas leaes", e
que isso "constituiu quebra de disciplina e
prova de rebeldia", pelo que "foi mantida a
prisão em que elle se achava".

Quebra de disciplina e prova de rebel-
dia...

Disciplina, hoje, no exercito, é o official
e o soldado não terem opinião, tanto vale di-
zer, não terem vergonha.

Mas, quer entre nós, quer no estrangeiro,
nem sempre tem sido este o seu conceito.

E' o que se poderá verificar diante das pa-
lavras que a esse respeito, abaixo transcreve-
mos, de Deodoro, Teixeira Mendes, general Isi-
doro e general Gomes da Costa, este ex-che-
fe militar do governo de Portugal.

FALLEM OS INSUSPEITOS AO REGIMEN CAPITALISTA:



"Com o cancelamento de todos
os processos póstos do antigo re-
gimen, estou convencido de que
ao influo do espirito moderno,
ante as concepções novas do de-
ver militar, o soldado brasileiro
saberá d'ora em diante, reconhe-
cer que a sua força está no "res-
peito de si mesmo e no sentimen-
to de sua dignidade," que a sua
autonomia, e o seu prestigio,
como classe, dependem essencia-
mente da "passividade intelligen-
te e pensante" a que elle deve
reduzir-se na paz e na guerra."

("Marechal Deodoro, Mensa-
gem da abertura do Congresso
Constituinte").



"O espirito sinceramente repu-
blicano não pôde cegir que os ci-
dadãos prestem o concurso ac-
tivo das suas pessoas para a sus-
tentação dos "homens" que, a
cada instante, constituem o go-
verno. Nas monarchias despo-
ticas, o Rei é a Patria. Mas, na Re-
publica não é assim. Na Republi-
ca, reconhece-se ao cidadão a li-
berdade de acreditar que os ho-
mens que estão no governo não
representam realmente a Pa-
tria; a liberdade de acreditar que
prestar o seu concurso voluntario
a tacs homens é até deservir ou
mesmo trair a Família, a Patria e
a Humanidade."

Tudo isso pôde ser intoleravel
ao orgulho e ao instincto destrui-
dor de um despotas. Porém, um
verdadeiro republicano, isto é, um
homem dominado pelo sentimento
da fraternidade universal não pô-
de recusar hoje semelhantes fatis-
mas moraes."

("Teixeira Mendes, Ainda o mi-
litarismo perante a politica mo-
derna").



"... O dever de defender o prin-
cipio da autoridade. O principio
da autoridade? Onde a autoridade
sem leis, governando com suspen-
são perpetua das garantias cons-
tituicionaes?"

Quem não sabe hoje que os go-
vernos não têm autoridade intrin-
seca e que seu poder lhes advem
do cumprimento das leis? Que
paiz livre, regido por instituições
republicanas, admitt, hoje, que o
homem, envergando a farda, per-
de suas qualidades de homem e
de patriota?"

("General Isidoro, Carta ao
deputado Azevedo Lima").

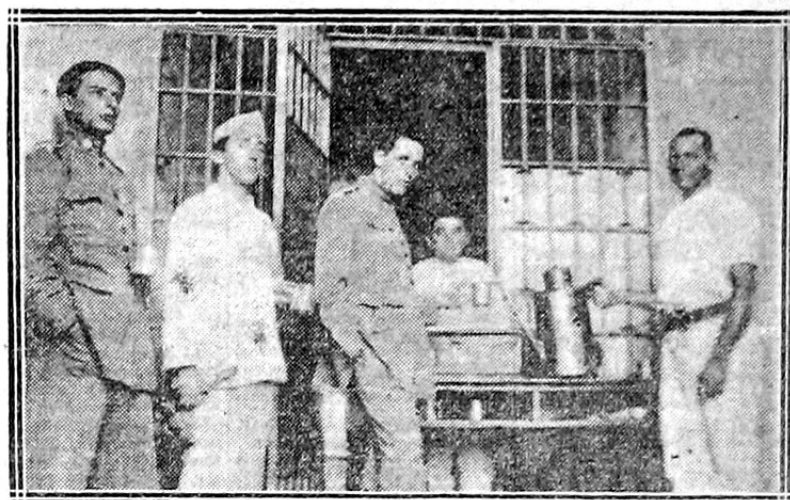


"Os Srs. officiaes falaram em
disciplina. Eu não consinto que
ninguém seja mais disciplinado
do que eu. Tenho 40 annos de tro-
pa e tenho soffrido muito. Porém,
o vosso conceito da disciplina
pode estar errado, se amanhã á
frente do paiz estiver um bandido,
e o exercito, em nome da disci-
plina, transgír com esse bandi-
do, é tão bandido quanto elle. Não
se revoltou o exercito portuguez
contra a disciplina. Revoltou-se a
favor da nação, para honra do
exercito portuguez, o exercito do
paiz mais glorioso do mundo. De-
fender os que têm envergadura
a nossa Patria era um crime."

A respeito desses dois ultimos,
eis o que José Eduardo Macedo
Soares escrevia ao ministro Gui-
marães Natal:

O que se passou na Correccão

Ahi os presos politicos tinham trata-
mento inferior aos de crime commum



A' hora do café. Vêem-se ahí o capitão Canindé, e os tenentes Fraenkel, Mury e Lavafiel

E o que haveria de ocorrer na
Correccão?

Tambem ahí se verificariam
miserias de toda ordem.

Em primeiro lugar, os presos
políticos foram nesse presidio do-
tados em logares destinados aos
réos de crimes communs: em as-
cendentes galerias, onde tambem
havia até condemnados por cri-
me de morte. Foi o que aconteceu
com Eduardo Gomes, com José
Carlos de Macedo Soares, presi-
dente da Associação Commercial
de S. Paulo, com o dr. Umberto
Perretti, com o tenente contador
Jorge Lobo Machado, com os pri-
meiros tenentes Pedro Martins da
Rocha, Riograndino Kruei e Ce-
sar Bacchi de Araujo, e tambem
com o general reformado Ximen-
o Villeroy, que esteve envolvi-
do no caso das cartas, e com um
filho de João Francisco.

A respeito desses dois ultimos,
eis o que José Eduardo Macedo
Soares escrevia ao ministro Gui-
marães Natal:

"O general reformado Ximen-
o Villeroy, preso por um singular
requisito, que V. Ex. apreciará,
no mesmo cubiculo da 3.ª galeria,
occupado pelo Sr. Oldemar La-
cerda, foi depois transferido pa-
ra o cubiculo 23 da alludida 10.ª
galeria. E como esse velho offi-
cial soffria de hémia, é obrigado a
deitar e subir 125 degraus de es-
cada para receber a visita medi-
ca ou tomar banho, resguardan-
do com a mão sua enfermidade,
para se forar do risco mortal
de um estranguamento."

Na 5.ª galeria estão em cu-
biculos separados os Srs. Paula
Lopes e o menor de 17 annos de
idade, filho do coronel João Fran-
cisco, cujo crime essa creança
começou a purgar no presidio da
Ilha das Cobras, onde foi servida
e agora curto em um cubiculo
desta Casa.

Esse episodio é tão formidavel
na sua extraordinaria brutalida-
de, que não requer o menor com-
mentario."

E o mesmo José Eduardo que
estivera, sob aquelle mesmo regi-
men, acrescentava:

"Mas, se esses officiaes da pri-
meira linha do Exercito estão
presos na Casa de Correccão, nos
cubiculos reservados aos réos de
crimes communs, com elles vi-
vendo em promiscuidade quoti-
diana, não está, contanto, supli-
tos do regimen relativamente be-
nigno que suportam esses des-
gracados parias da sociedade.
Emquanto os réos de crimes com-
muns são recolhidos das cellulas
de 8 de manhã até 5 horas da tar-
de e nesse intervalo frequentam
aulas e officinas, recream-se nos
pátios da Casa, comem fora do
lugar em que dormem, recebem
visitas, tratam com seus advoga-
dos, entretem-se com juizes e
promotores, enquanto os infeli-
zes condemnados gosam desse mi-
nimo de regalias, que afinal lhes
permite a vida vegetativa na pri-
de."

(Continúa na 4.ª Pagina)

Hamlet de fancaria



Ouço uma voz que me diz: Caim! Caim! Caim!
Ser, ou não ser, eis a questão...

A REVOLUÇÃO CONTINÚA!

Simas Enéas e Sampson Sampaio foram
presos. Mas Costa Leite e Juarez Tavora fugi-
ram. A revolta pequeno-burgueza continúa a
revelar gestos heroicos. Seus homens conti-
nuam firmes. João Francisco traiu? Não im-
porta!

As excepções não pesam.

A revolta pequeno-burgueza continúa.

Transformou-se numa revolução perma-
nente.

Viva a revolução! eis o grito de todos nós.
A revolução é immortal. Ella continuará
sua marcha e transformar-se-á num movi-
mento proletario.

E' fatal. Ninguém se illuda.

Operarios e pequenos burguezes revolto-
sos, uni-vos!

Viva a revolução!



...que estão representando a...
...já, se impusessem ao pátrio,
...trabalhando mais que os seus
...carradas, pois assim desmascara-
...o burão que apenas deli-
...quer servir para explorar
...a alda dos seus escravos.
...e, se assim não fizerem, falta-
...o cumprimento dos seus de-
...de operários, prejudicando
...seus camaradas e não tirando
...algun com o seu ma-
...promento, pois que, dentro em
...bre, serão dispensados, por já
...serem mais prontos...

